

Perfis literários – notas sobre um projeto biográfico, crítico e ficcional

Literary profiles – notes about a biographical, critical and fictional project

LUIZ HENRIQUE DE NADAL*

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Resumo: Este artigo tem como base o resultado de um projeto independente, realizado pelo pesquisador desde maio de 2012. O *site* Isto não é um cachimbo – Perfis Literários (www.istonaoeumcachimbo.com) é voltado à experimentação do formato biográfico breve, por meio do qual foram abordados 12 escritores contemporâneos. Levados à condição de objeto de estudo, os perfis literários são defendidos como uma ferramenta crítica inscrita entre o biográfico, o ficcional e o ensaístico. Diante da problemática do retorno do autor, o pastiche do perfil jornalístico surge como forma renovada de retratar o escritor do novo milênio. Ademais, um reconhecimento do circuito literário é feito com a ajuda dos estudos de Ítalo Moriconi e Paula Sibília. Leva-se em consideração ainda a insuficiência da função autor concebida por Michel Foucault em conjunto com questões acerca do biográfico trazidas por Philippe Lejeune e Leonor Arfuch.

Palavras-chave: perfis literários; autor; mito.

Abstract: The present paper is based in the results of an independent project, conducted by the researcher since May of 2012. The website "Isto não é um cachimbo – Perfis Literários" (www.istonaoeumcachimbo.com) is dedicated to the experimentation of the brief biographic format, by which were addressed 12 contemporary writers. As objects of study, the literary profiles are presented as a critical tool included among the biographic, the fictional and the essayistic. Considering the problematic of the return of the author, the pastiche of the journalistic profile emerges as a renewed way of depicting the writer of the new millennium. Furthermore, an acknowledgment of the literary circuit is accomplished with the support of studies from Ítalo Moriconi and Paula Sibília. It is still taken under consideration the insufficiency of the function of the author conceived by Michel Foucault in addition to the matters concerning the biographic presented by Philippe Lejeune and Leonor Arfuch.

Keywords: literary profiles; author; myth.

* Doutorando em Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). <luizhenriquedenadal@gmail.com>.

Decido escrever o perfil de escritores contemporâneos. Traço um plano: ler a obra do escritor, entrevistá-lo e fazer disso uma experiência de escrita. De forma sistemática, foi isso o que fiz ao longo de 12 edições de perfis literários publicadas até hoje no *blog Isto não é um cachimbo* – *Perfis Literários*, mais tarde reformulado na estrutura de um *site*¹.

Simultaneamente ao trabalho de leitura, entrevista e escrita, iniciado em maio de 2012, as edições ganharam um formato cada vez mais definido. Recursos

da ficcionalização e da intertextualidade foram sendo explorados de diversas maneiras até que as próprias motivações do projeto – que pretendia apresentar escritores contemporâneos através de uma abordagem inovadora – ficassem mais claras e menos ambiciosas. Além disso, outros desdobramentos sucederam durante esse período. Desde a primeira publicação, com ajuda surpreendente da maior parte dos escritores, houve engajamento de um grupo significativo de leitores e seguidores na internet. Até culminar em uma espécie



Figura 1. Layout atual do site Isto não é um cachimbo – Perfis Literários

¹ Inicialmente o *blog* consistia em uma configuração bastante simplificada: página única e central onde os perfis eram postados mensalmente. Reestruturado no formato de um *site* em 2013, depois de um ano, sua estrutura passou a possuir quatro seções principais, além da página de entrada onde são postadas as edições mais recentes. São elas: *O projeto*, que oferece uma breve explicação dos objetivos do *site*; *O autor*, apresentação do idealizador; *Edições anteriores*, espaço que possibilita acessar as demais edições de perfis; e por fim, *Blog Cachimbo de bolso*, onde encontra-se conteúdo variado como eventos e novas publicações dos escritores. Disponível em: <www.istonaoeumcachimbo.com>. Acesso em: 10 jul. 2017.

de legitimação do circuito literário com as entrevistas ao vivo na Casa das Rosas, conduzidas por mim na presença dos autores. Na contramão desse fluxo de acontecimentos, fui mobilizado pela necessidade de defender os *perfis literários* como ferramenta crítica.

Os 12 perfis elaborados, agora levados à condição de objeto de análise, serão

revisitos de olho no contexto em que estão inseridos. Tempos de superexposição do escritor em feiras e festivais literários, da circulação de conteúdos sobre a vida do autor nos *blogs* e *sites* especializados, da autopromoção e da interação com leitores nas plataformas da internet. Desde o período em que o projeto foi lançado (2012) até os dias de hoje, tem sido intenso o calendário de eventos literários. De acordo com a matéria *A explosão de eventos literários no Brasil*, publicada pelo jornal *O Globo*, o crescimento foi ascendente em todas as partes do país, alçando a marca de 320 eventos em 2014, superior ao ano anterior. “A última aferição do MinC listava 257 eventos em 2013 – mais da metade (137) na Região sul” (FILGUEIRAS, 2015). Sem contar a presença marcante de escritores brasileiros em dois eventos de porte internacional como a Feira de Frankfurt² e o Salão do Livro de Paris³. A primeira foi realizada em outubro de 2013 na Alemanha e é considerada a mais importante feira de livros do mundo. Recebeu 70 escritores nesta ocasião em que o Brasil foi o país homenageado. Por conseguinte, era de se esperar que a participação em um evento editorial como este causasse grande impacto no mercado editorial brasileiro (COZER, 2013). As editoras então deram início a uma corrida para ampliar o catálogo de livros dos ficcionistas contemporâneos e oferecê-los às casas internacionais. O Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), que tem como praxe a aquisição de clássicos e infantojuvenis das editoras, investiu R\$ 75 milhões entre aquisição e distribui-

ção de livros de ficção contemporânea na edição de 2013. O governo também atuou de forma antecipada, através do Programa de Internacionalização do Livro e da Literatura Brasileira, criado pela Fundação Biblioteca Nacional (FBN/MinC), viabilizando um pacote com uma série de ações e incentivos. O objetivo foi ambicioso e sem precedentes, de modo a estimular a exportação de livros e a venda de direitos autorais de escritores brasileiros em outros países até 2020. Como exemplo, uma das medidas foi a liberação de 400 bolsas de tradução, das quais 290 já haviam sido aprovadas em 2010, quando o evento foi anunciado pela primeira vez.

O Salão do Livro de Paris, por sua vez, é dedicado sobretudo à comercialização de livros e convocou 48 nomes da literatura contemporânea brasileira no início de 2015, em Paris. Não cabe aqui entrar em pormenores desses eventos. O que interessa destacar, através desses recortes de informações, é o estado de ânimo que vinha sendo celebrado pela imprensa sobre o mercado editorial. Está patente a necessidade de promover uma nova imagem da literatura brasileira, vistas as ações mencionadas até aqui. Efeito de uma nova imagem do país – é o que dirá Resende (2014) em *Possibilidades da nova escrita literária no Brasil*. Considerando um fenômeno indissociável das mudanças políticas ocorridas na economia, a pesquisadora descreve o horizonte ético e estético da nova literatura brasileira, sobre o qual trabalha⁴:

² Para mais informações sobre o evento, acessar o site oficial: <<http://www.book-fair.com/en/guestofhonour/review/>>.

³ Para mais informações sobre o evento, acessar o site oficial: <<http://www.salondulivreparis.com/Bresil-2015.htm>>.

⁴ Nos últimos 10 anos a pesquisadora vem se dedicando de forma mais sistemática a ler, resenhar e estudar a literatura brasileira publicada no correr deste milênio. Sua incursão coincidiu com a edição da revista britânica *Granta*, lançada em 2012 com o título “Os melhores jovens escritores brasileiros”. Entre os 20 autores dos quais se ocupa estão três perfilados: Ricardo Lísias, Carola Saavedra e Tatiana Salem Levy.

O corte proposto, especialmente a ficção em prosa a partir dos anos 1995, como indicador de uma nova literatura, tem evidentemente muito a ver com as possibilidades em que o Brasil se encontra, com o processo de democratização completado e solidificado, de cultivar, finalmente, uma política da esperança, o que não quer dizer aceitação unânime das políticas de Estado nem tampouco ausência de manifestações de descontentamento. Contribuí, certamente, além das razões já enunciadas, a passagem de, como dizem os economistas, país unicamente receptor a país também fornecedor. Dentre as possibilidades que percebo está a de maior circulação internacional de nossa literatura, com inserção no mercado editorial externo. (RESENDE, 2014, p. 12-13).

Ainda que anterior à celebração em torno da internacionalização dos livros e dos escritores nacionais, a pesquisa de Paula Sibilia (2008) fez uma oposição pertinente nesse cenário de otimismo. Afinal seu pano de fundo era justamente a proliferação de eventos que passaram a convocar o escritor para o meio do palco. E ao levantar críticas sobre a atuação do sistema de entretenimento na produção e no consumo de literatura, a autora questionava o verdadeiro estatuto dos espetáculos literários. À época, Sibilia (2008) apontava para o descompasso entre o aumento no número de festivais literários e o de leitores como um de seus argumentos. Antes ainda, o teórico Philippe Lejeune (2008) já havia previsto posicionamentos parecidos, quase arquetípicos, da participação de escritores e teóricos da literatura nos meios de comunicação de massa. De um lado o grande público, o mundo da edição e da mídia. De outro, “[...] uma fração da máquina escolar e universitária, que busca formar novos leitores e espera através de

seu trabalho pedagógico dissolver um feixe de práticas ilusórias” (LEJEUNE, 2008, p. 202). Passado o tempo, a discussão ainda se faz ouvir. Em uma análise⁵ realizada sobre os dados da terceira e mais recente pesquisa *Retratos da leitura no Brasil* (feita pelo Ibope Inteligência e Instituto Pró-Livro) concluiu-se que o índice de leitura entre brasileiros de todas as regiões do país diminuiu sensivelmente em comparação aos dados anteriores, de 2007. Nesse sentido também convém trazer à baila uma entrevista feita com Afonso Borges, idealizador de importantes eventos literários como *Sempre um papo*⁶ e do Festival Literário de Araxá (Fliaraxá)⁷. Fruto de uma discussão pública sobre o tema dos festivais, Borges (2015) rebateu o posicionamento de Suzana Vargas no jornal *O Globo*, que desacredita nas feiras literárias como propulsoras dos índices de leitura. “Eventos literários sejam eles festas, feiras, bienais com maior ou menor projeção nacional, são fenômenos de marketing” (VARGAS, 2015). A despeito do rumo da discussão, é valiosa a réplica de Borges (2015) pelo fato de expor o funcionamento das festividades literárias. Pois que acima de tudo estariam a comercialização de livros e o bom funcionamento do motor econômico. E tendo em vista a importância

⁵ A análise completa foi publicada em duas oportunidades. As interpretações divergem entre uma diminuição sensível e a estagnação da quantidade de livros lidos nos três meses anteriores à pesquisa. Disponível em: <<http://abibliotecadераquel.blogfolha.uol.com.br/2012/03/28/o-brasileiro-esta-lendo-menos/>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

⁶ O evento foi criado em 1986 pelo jornalista Afonso Borges, e realiza encontros ao vivo com escritores e personalidades em auditórios e teatros. Para mais informações, acessar o site oficial. Disponível em: <www.sempreumpapo.com.br>. Acesso em: 10 jul. 2017.

⁷ Assim como grande parte dos festivais, o Fliaraxá é realizado pelo Ministério da Cultura e Circuito Cultural CBMM, por intermédio da Lei Federal de Incentivo à Cultura e irá para a 6ª edição em 2017. Disponível em: <<http://www.fliaraxa.com.br>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

dada atualmente à figura do autor, é por meio dele que a transação do produto deve ser feita. “Esta é a verdadeira tarefa dos eventos literários: colocar autor e livro, postos frente a uma mesa de autógrafos, pronto para vender sua obra. Colocar o autor à frente de uma mesa de debates e seus leitores, na próspera tarefa de divulgar seu livro” (BORGES, 2015). Os ecos de Lejeune (2008) retornam ao analisar o caráter da *performance* do autor no circuito midiático, a partir de programas televisivos como *Apostrophes*, que tendem a uma abordagem autobiográfica – “: antes mesmo que o autor tenha aberto a boca, sua presença física já se configura como uma confissão” (LEJEUNE, 2008, p. 198). Além disso, também atualiza a imagem de autor, sobretudo diante dos principais conceitos de Roland Barthes (2004) e de Michel Foucault (2009) sobre autoria, ambos pautados pela ausência física daquele que escreve.

Um autor, no programa de Pivot, é tanto alguém que *viveu*, que sentiu profundamente, refletiu e imaginou intensamente, quanto alguém que *escreveu*. É uma *personalidade, uma experiência, uma presença*: o livro que escreveu aparece ao longo do programa apenas como uma sombra, um objeto virtual que deve ser reconstituído ‘estereoscopicamente’ através da superposição da análise do conteúdo e da imagem do autor. Daí uma espécie de ajuste suplementar em relação à imagem clássica do autor. O autor, hoje, deve *antecipar* o que era, antes da mídia audiovisual, apenas um efeito *a posteriori*. Deve induzir o desejo de ler seus textos, ao passo que, antes, era o texto que despertava a vontade de se aproximar dele (LEJEUNE, 2008, p. 199, grifos do autor).

A observação de Lejeune (2008) confirma a aposta do agitador cultural e oferece

mais nitidez no enfoque do escritor como personalidade, experiência ou presença. Também aponta para uma mudança do livro, ou da escrita, antes em primeiro plano, Seja como única linguagem que fala, age e performa (BARTHES, 2004, p. 59), seja como local de “[...] abertura de um espaço onde o sujeito que escreve não pára de desaparecer” (FOUCAULT, 2009, p. 268). Mais interessante ainda é sobrepor a crítica feita por Sibilia (2008) ao depoimento do idealizador de eventos, uma vez que descreve o maquinário empreendedor de forma crítica. Uma “máquina de mostrar”, nas palavras da autora:

Esse gigantesco mecanismo de fabricação de exposições e festivais, com seu combustível mercantil e suas turbinas midiáticas, tornou-se autônomo: agora funciona por si só e precisa de alimentação constante, embora pouco importe quais são os nutrientes que lhe são ministrados a cada temporada. *O que interessa é tornar visível – e, sobretudo, tornar-se visível.* (SIBILIA, 2008, p. 158, grifo nosso).

À diferença de Borges (2015), Sibilia (2008) considera preocupantes as estratégias que colocam o escritor a serviço do mercado. Dentro da redoma de mercantilização, a produção literária é afetada negativamente. Como resultado, festivais que buscam a própria visibilidade, obras orientadas pela “autopromoção”, ao invés de uma “autorrevelação”, e leitores que substituem o livro pelo culto da personalidade e da vida privada do autor, colocados em primeiro plano (SIBILIA, 2008, p. 165). O espetáculo da figura do autor contemporâneo, estetizado pela mídia, também está presente no estudo de Sérgio Araújo de Sá. Na tese *A reinvenção do escritor: Literatura e mass media*, Sá (2007)

já estava de olho no mecanismo explicitado no depoimento de Borges (2015), uma vez que se propôs a compreender o lugar e a função do escritor latino-americano no mundo urbano e contemporâneo. O “escritor do novo milênio” é semelhante àquele colocado na mesa de autógrafos e diante dos leitores por Borges (2015), no sentido de que está submetido a um regime idêntico do entretenimento, encenado nos *mass media*. Também o ambiente caracterizado pelo produtor cultural é familiar à pesquisa de Sá (2007), exigindo do autor a capacidade individual e decisiva da *performance* para alcançar o prestígio. A citação é de Borges (2015), mas também poderia ser de Sá (2007): “Hoje é o tempo do autor, da sua fala, da sua presença. O livro é sua extensão, seu... produto (palavra áspera, para os puritanos)”. Não é o caso de Sá (2007), que se refere de forma ainda mais direta aos autores – como verdadeiras “obras vivas” produzidas nas frequentes exposições midiáticas:

O espaço público tomado pela teatralização midiática é a tela sobre a qual os produtores de textos literários se vêem e sobre a qual devem construir seu discurso, sua reputação. O escritor do novo milênio se faz menos pelo que escreve e mais pelo que diz nos *media*, porque a arte está obrigada a aparecer – ou a resistir, dirão alguns, como Sarlo – ‘diante da abundância obscena do mundo audiovisual’. (SÁ, 2007, p. 16-17).

Com “obras vivas” ao alcance dos leitores, Lejeune (2008) deduz que não há “Nada mais a ser imaginado: o autor do livro que lemos ou, com mais frequência, do livro que não lemos e que não leremos está ali, em carne e osso e ao vivo. Se ainda restar algo a ser imaginado, será, paradoxalmente, o que ele terá escrito” (p.194).

Considerando a nova disposição em que o autor sobrepõe-se à obra, um projeto como o *Isto não é um cachimbo – Perfis literários* só faria confirmar tal inversão e reproduzir a lógica de consumo de personalidades. Fosse o caso, a empreitada que segue seria desnecessária.

Contraopondo o trajeto realizado neste projeto às informações contextuais, esclareço para mim mesmo o cenário de que os perfis literários fazem parte. Nessa mesma esteira, a síntese de reflexões apresentada por Ítalo Moriconi (2006) em *Circuitos contemporâneos do literário (Indicações de pesquisa)* deixa ver de forma panorâmica o lugar de inserção do projeto. Deixando para trás o contexto da década de 1980, cuja produção experimentou um esvaziamento da vida literária, o autor chega ao chamado *boom* dos anos 90. Qual seja, o surgimento de uma nova geração de escritores, engendrada sobre três circuitos principais: o midiático, o crítico e o da vida literária. Cada uma dessas estruturas de circulação de textos determinaria “as molduras, os *frames* discursivos a partir dos quais se pode analisar mais de perto cada obra ou trajetória autoral em particular” (MORICONI, 2006, p. 5). Em última análise são elas que determinam o valor do literário em cada âmbito através do tipo de relação que estabelecem com a obra. No primeiro, o referente de valor é o diálogo do livro com outros suportes, dos quais o cinema é o mais comum. No segundo, o cânone literário. Já no caso da chamada nova vida literária, fundada no suporte da rede como espaço de socialização dos escritores, “[...] o valor de referência é o diálogo entre os pares, a leitura mútua entre contemporâneos” (MORICONI, 2006, p. 11). Um cenário que ficou evidente logo na publicação de estreia dos perfis literários.

Ricardo Lísias, o escritor perfilado na edição número um, imediatamente compartilhou o texto inaugural para a sua rede de contatos. O impacto foi imediato e a recepção precisa, já que o *site* chegou diretamente a um círculo formado em grande parte por leitores de literatura, escritores e jornalistas culturais. O *Isto não é um cachimbo – Perfis Literários* rapidamente ganhou visibilidade no espaço de leitura mútua e autorreferencial já existente entre os contemporâneos. Cabe o parêntese: “Essa auto-referência do grupo de contemporâneos irmanados por sua contemporaneidade talvez deva ser considerada um elemento principal na definição de um conceito de geração literária” (MORICONI, 2006, p. 11). Além de se ver impulsionado por uma difusão espontânea, através dos compartilhamentos de leitores na rede social *Facebook*, os perfis literários passaram a ser sugeridos em *blogs* e *sites* literários⁸. A partir de então, minha estratégia de divulgação passou a ser a utilização da própria dinâmica de interação do circuito, que acabava de ser revelada. A cada nova publicação, os escritores em pauta e os antigos desempenhavam o papel de propagadores do conteúdo e aumentaram velozmente a rede de seguidores⁹.

Assim como a recomendação dos autores participantes estimulou o trânsito do projeto no circuito da vida literária, a escolha dos perfilados seguintes foi atravessada pelos nomes que ali se faziam

presentes. Minhas opções foram cada vez mais influenciadas pelas opiniões que transitavam na convivência virtual. O critério inicial, estabelecido por mim, estava relacionado ao tamanho e consistência da obra. Instituí o número mínimo de três publicações por autor com o objetivo de apreender fatores como um universo ficcional bastante emblemático e estilo o mais particular possível. Muito embora estas tenham sido as definições iniciais para reger a escolha de cada edição, elas tiveram de passar por adaptações durante o processo. De repente a escolha dos escritores perfilados passou a ser condicionada pela leitura das “obras vivas”, conforme a denominação de Sá (2007). De olho na atuação dos escritores no circuito midiático e da vida literária, a leitura da obra foi desbancada como principal critério de seleção – embora nunca tenha sido relegada neste projeto. Muito pelo contrário, a leitura do texto literário foi um procedimento cada vez mais explorado na construção dos perfis literários, em resposta ao seu embotamento frente à presença do autor. Refiro-me a ela apenas como requisito de escolha dos perfilados. Retomando o pensamento de Sá (2007), ele alerta que a obra dos escritores construída nos *media* a partir das entrevistas e reportagens, por exemplo, pauta-se no que o intelectual diz aos leitores, raramente no que escreve. Portanto:

A entrevista se dá como lugar de explicação da obra, como lugar de sinopse de ideias, como eventual estratégia de sedução ao texto, como lugar de montagem de imagem pública de intelectual. No estado das coisas, o escritor latino-americano, para se fazer apreciar, espera ser noticiado e comentado pela mídia, a fim de dialogar com um leitor que talvez nunca tenha

⁸ Um exemplo é o *blog* da Companhia da Letras. No seu ano de estreia, o *site* foi incluído entre os *links* sugeridos da editora, ao lado de *blogs* como A biblioteca de Raquel, Blog do IMS e Todoprosa.

⁹ Além do *site*, que atingiu o número de 622 visitantes no ápice de acessos diários, a página oficial dos perfis literários na plataforma *facebook* possui quase 9 mil seguidores. Disponível em: <<https://wordpress.com/stats/insights/cachimboedobolso.wordpress.com>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

sido isso, leitor, cujas habilidades lhe concedem melhor a alcunha de (tel) espectador. (SÁ, 2007, p. 19).

Movimentando-me em um quadro muito parecido ao descrito, em que o valor performático do escritor suplanta o seu texto literário, minhas escolhas reforçavam a crítica colocada pelo autor, é verdade. Sem que eu percebesse, o conjunto de escritores foi sendo ditado pela lógica da visibilidade nos espaços públicos, em especial nas redes sociais. Um passo em falso que poderia comprometer o posicionamento crítico do projeto, já que elegeria o lugar do consumidor como ponto de partida. Ou do tipo de leitor referido por Sá (2007), de formação audiovisual, o chamado “(tel)espectador”. Muitos dos nomes escolhidos foram recomendados pelos escritores já perfilados e seus pares, assim como aqueles celebrados pelos leitores, especializados ou não, os quais também passaram a sugerir nomes de sua preferência em constante interação nas plataformas da internet.

Com isso quero demonstrar que o desenvolvimento do projeto aconteceu em pleno movimento, fazendo das decisões mais – e menos – acertadas matéria para elaboração. Nada impediria que, uma vez reconhecida tal influência, passasse a operar de forma crítica. Portanto, não posso deixar de lado certa precariedade e imprevisto que constituíram os perfis enquanto um projeto independente. A heterogeneidade do seu conjunto¹⁰ se deve a uma maior preocupação na elaboração dos textos: experimentação da forma, do estilo, dos recursos narrativos, etc. Por

outro lado, não houve uma preocupação curatorial no sentido de criar um panorama da produção contemporânea. O conjunto de escritores perfilados, assim como está, foi constituído pela disponibilidade dos nomes eleitos em participar do projeto. Sem esquecer-se do fato de que a empreitada foi realizada por um leitor em franco desenvolvimento, refém do referido circuito literário que coloca certos nomes de autores em evidência e outros não.

Com a visibilidade que o projeto ganhava no circuito literário, inquietavam-me as atribuições que surgiram e que estavam por vir com o novo *status*. De uma hora para outra, recebi diversos tipos de convite. Constantemente fui chamado para o lançamento de autores, assim como recebi uma quantidade considerável de livros de estreantes pelo correio. Outras vezes fui solicitado a falar sobre o projeto dos perfis e o suposto panorama da literatura contemporânea criado por ele. Foram muitos os pedidos para escrever textos e dar entrevistas em *blogs* e *sites* de literatura. Durante uma dessas oportunidades, ao ser convidado para mediar uma mesa com um dos autores perfilados na Feira Literária de Votuporanga, surgiu o convite para uma nova etapa do projeto. O encontro com o diretor da Casa das Rosas, patrono do evento e quem acompanhava o *blog*, propôs o espaço para um evento relacionado ao projeto. Durante o período de um ano, então, recebi os escritores perfilados para entrevistas mensais¹¹ e ao

¹⁰ Conforme a ordem de publicação, são eles: Ricardo Lísias, Veronica Stigger, Andrea Del Fuego, Lourenço Mutarelli, Marcia Tiburi, Marcelino Freire, Carola Saavedra, André Sant’Anna, Tatiana Salem Levy, João Carrascoza, Adriana Lisboa e Bernardo Carvalho.

¹¹ As entrevistas ao vivo, chamadas *Desmontagens de Perfis*, foram realizadas na instituição municipal Casa das Rosas, em São Paulo, durante o período de um ano, sendo o primeiro encontro em agosto de 2014. Nesses eventos, oito escritores perfilados do *site* foram entrevistados por mim, ao vivo. O título *desmontagem* referia-se às ficcionalizações e intertextualidades criadas nos perfis literários e que serviram como linha condutora do diálogo com o convidado.

vivo. De escrever em um *blog*, eu passara a uma instituição cultural de importância. E foi exatamente nesse sentido que uma nota de rodapé, mencionada por Sibilia (2008), na edição revisada de *A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica*, sugeriu-me uma possibilidade de leitura sobre a repentina guinada. Na nota em questão, Walter Benjamin faz duas previsões acerca do conceito de aura. Segundo o teórico, a destruição do halo sacralizador da obra de arte, em função das técnicas de reprodução, haveria de recair sobre o autor – “o espectador tende a substituir a unicidade dos fenômenos que aparecem na imagem cultural pela unicidade empírica do artista ou de sua atividade criadora” (BENJAMIN apud SIBILIA, 2008, p.164). E por sua vez, a pesquisadora endossa a previsão de Benjamin com o argumento de que a garantia de origem autoral da obra de arte passou a desempenhar grande poder. Por essa mesma lógica, outra figura que ganharia destaque seria o colecionador que “pela própria posse da obra de arte, participa de seu poder cultural” (BENJAMIN apud SIBILIA, 2008, p.164). Este, ao se apropriar do valioso “objeto”, também deteria certa importância. Seguindo o raciocínio de Sibilia (2008), se a luz aurática profetizada por Walter Benjamin pairava sobre os escritores contemporâneos, mais do que em suas obras, ela também refletia sobre mim, como autor dos perfis literários. Porém, o projeto *Isto não é um cachimbo – Perfis Literários* nunca teve o propósito de configurar uma antologia que identificasse os rumos da literatura contemporânea. Até então meu desempenho não cumpria sequer o trabalho de um curador e, por mera questão de época, a aura benjaminiana legitimava meu dedo de colecionador. Ademais, o cunho biográfico contido nos perfis

certamente foi responsável pelo grande número de seguidores. A pesquisadora Leonor Arfuch (2010) o destaca como um dos formatos consagrados em função da singularização que promove na vida do indivíduo. Arfuch (2010) observa que os gêneros prestigiados há mais de dois séculos como biografias, autobiografias, confissões, memórias, diários íntimos e correspondências cederem lugar, na cultura contemporânea, a novas formas como entrevistas, conversas, perfis, retratos, anedotário, testemunhos, histórias de vida, relatos de autoajuda, bem como variantes do *show – talk show, reality show*. “No horizonte midiático, a lógica informativa do ‘isso aconteceu’, aplicável a todo registro, fez da vida – e conseqüentemente, da ‘própria’ experiência – um núcleo essencial de tematização” (ARFUCH, 2010, p. 15).

Por outro lado, fora do foco dado à vida dos escritores e ao perfilador santificado, estava o fato de que o gênero perfil não era utilizado na sua forma convencional, mas a modo de pastiche. Detalhes como este, além de outros procedimentos de motivação crítica como a ficcionalização e intertextualidade, passaram batidos nas discussões entre os leitores do *blog*. Seriam apenas leitores “tel(espectadores)” como advertia Sá (2007)? O surgimento de uma questão como esta, por si só, justificava o aprofundamento do caso dos perfis literários, afastados do espaço dispersivo em que figuram e trazidos, aqui, para a condição de objeto.

A ideia de perfil literário pressupõe a existência de um formato tradicional, o perfil jornalístico. O pesquisador Paulo Paniaguó possui um importante trabalho sobre o gênero perfil. Na tese intitulada *Um retrato interior: o gênero perfil nas revistas The New Yorker e Realidade*, faz uma ponte

entre a gênese dos perfis jornalísticos, nos Estados Unidos, e sua versão brasileira na revista *Realidade*. Segundo Paniagua (2008) “O perfil de alguém é a possibilidade, para jornalistas, de se concentrar em algo que pertence, de modo geral, ao reino da literatura: a condução da narrativa por meio do personagem” (p. 28). Os primeiros textos que inauguram esse formato biográfico breve foram veiculados pela revista *The New Yorker* na década de 20 do século passado. Logo em seguida, o nome “perfil” foi registrado por uma de suas editorias, que passou a exercitá-lo e sistematizá-lo cada vez mais. Com a progressiva redução dos espaços de publicação e do tempo de produção nas redações das revistas e jornais, o formato assumiu formas menos elaboradas. “Em 2001, atingem relativo sucesso comercial as revistas *Isto É Gente*, *Quem*, *Chiques* e *Famosos* e outras que se dizem compromissadas em retratar vidas em texto e imagem” (VILAS BOAS, 2002, p.97). Textos antes ilimitados na sua extensão, muitas vezes publicados em edições sequenciais, encurtaram drasticamente e passaram a dar destaque para as imagens. De revistas e cadernos culturais, migraram para colunas sociais e pequenos *box* de entretenimento. Contudo, apesar das transformações vistas até o momento, os perfis mantiveram como principal característica o protagonismo de um personagem. A definição é necessária porque é do formato original que surge a criação do perfil literário.

Antes de lançar o *Isto não é um cachimbo – Perfis Literários*, já havia utilizado esse mesmo título, retirado de uma obra de René Magritte, em outro *blog*. Durante um intercâmbio de estudos de Comunicação na Cidade do México, decidi criar um espaço para relatar encontros com

artistas locais. Fazia parte de uma linha editorial bastante elástica não apenas a literatura, mas o teatro, as artes visuais, a música e o cinema. Certamente estava mais interessado em conhecer os artistas por detrás das obras que me mobilizavam do que escrever com propriedade sobre todas as áreas. O título então me desincumbia de obedecer às regras mais comuns do jornalismo, como a objetividade da escrita e o comprometimento com os fatos. Dentre todas as entrevistas feitas nessa época, foi justamente o encontro com um escritor que antecipou a proposta do *blog* de perfis literários. O mexicano Alberto Chimal¹² acabava de lançar sua primeira novela, intitulada *Los esclavos* (2009) quando convidei-o para uma conversa no Café El Péndulo. Apesar do olhar sagaz e do traje elegante, Chimal tinha uma estrutura óssea neandertal. Um traço de bestialidade que também têm seus personagens, como Mundo, sujeito burocrata que larga a família e o trabalho para subjugar-se a um dono desconhecido. Apesar de humano, Mundo tem um porte canino. E desse parentesco surgiu-me o vislumbre do escritor como um personagem do próprio universo literário. Antes de estar diante do escritor entrevistando-o como um jornalista, vi-me ocupando um lugar já descrito por Arfuch (2010), o do leitor que fabula a identidade do autor:

Se a identificação amarra laços invisíveis e poderosos, talvez as vidas criadas no trabalho de artífice da escrita (os pensamentos, os sistemas, os valores) tenham frequentemente para os leitores uma atração inclusive maior do que

¹² Alberto Chimal é autor de 18 livros de contos e vencedor do prêmio mais importante desta categoria no seu país, o *Premio Nacional de Cuento*, dado pelo *Instituto Nacional de Bellas Artes*. Publicou, em menor proporção, novelas, ensaios e peças de teatro.

as vidas ‘reais’. Benefício duplo da entrevista com escritores, que oferece a possibilidade de tratar as criaturas ficcionais com a mesma familiaridade, de incluí-las na fabulação identitária do autor com o selo ‘próprio’ do leitor. (ARFUCH, 2010, p.232).

E foi a partir dessa familiaridade entre o escritor e seus personagens que fiz da entrevista com Alberto Chimal um texto ficcional, ainda diferente do que viria a ser um perfil literário. Como se verá na Figura 2, eram mais precários os recursos utilizados na produção das fotos. No entanto, os procedimentos já eram familiares aos futuros perfis literários. No retrato de Chimal, feito no próprio Café El Péndulo, inseri elementos coletados de sua novela e de alguns contos. Teias de aranha e vestígios de sangue são elementos que compõem a atmosfera dos seus enredos ficcionais. O gato preto, por sua vez, tinha a intenção de indicar o parentesco literário com Edgar Allan Poe, de quem Chimal herdou a preferência pelo gênero conto e

por temáticas fantásticas. Detalhes que se tornavam explicitados ao leitor com a ajuda do texto. Tal processo de recorte e colagem seria um dos principais procedimentos nos perfis literários. Por sua vez, a fotomontagem (Figura 2) que acompanhava o texto não só recupera a primeira alegorização da imagem de escritor, como também levou a compreender, naquele momento, que se tratava do mito do autor. Mito este como uma fala que singulariza o homem, aplicada à imagem do sujeito de forma “natural” tal qual o jornal *Figaro* faz com a fotografia de Gide, com um livro entre as mãos, em plena temporada de férias no Congo. No capítulo “O escritor em férias”, de *Mitologias*, Barthes (1975) refere-se ao episódio para demonstrar que o prosaísmo com que o escritor é retratado – trabalhando em tempos de descanso – não faz senão reforçar a ideia de um ser diferencial. Visto de outra perspectiva, a do autor, o mito também surge como uma resposta diante das exigências do público leitor, como diz Aira (2011) em seu *Nouvelles Impressions du Petit Maroc*:

E não apenas a obra exige, também o faz o público que enfrenta o escritor em entrevistas, em conferências, na televisão, em todas as partes. Para fugir da mãe-inteligência que torna impossíveis as articulações num mar de ‘notas’ inconexas, para recuperar a cortesia inerente a seu trabalho, o escritor deve dar um salto para fora de sua obra e de sua pessoa e criar seu mito pessoal. Esta, no fim, é a construção por excelência da teoria, que sempre se formula numa língua estrangeira. (AIRA, 2011, p.22).

Sem dar-me conta, havia apenas reproduzido de forma mais exagerada uma imagem que já estava nas entrevistas e reportagens a seu respeito. A sequência



Figura 2. Primeira fotomontagem de escritor para o *Isto não é um cachimbo blog*

de fotos (Figuras 3 e 4) evidencia as semelhanças.



Figura 3. Foto de divulgação do autor para o Festival de Microrrelatos Ciudad Mínima



Figura 4. Foto de divulgação do autor para Resonancia Magazine

Sem dúvida que as fotos divulgadas pelo escritor mostram um personagem parecido com o que foi visto na fotomontagem do *blog*. A diferença está apenas na abordagem. Enquanto os retratos do autor estão claramente a serviço de uma apresentação profissional, a fotomontagem abre uma margem de ironia e escárnio. Em *Afinidades eletivas*, Chiara (2001) chama atenção para a infidelidade dos retratos,

em especial quando se trata de artistas, “[...] potenciais artífices de suas vidas” (p.10). Os retratos posados de Álvares de Azevedo, analisados pela autora, fazem lembrar o presente pela impregnação de fantasia poética que possuem. O personagem do poeta romântico possui tal força na imaginação do público que passa a ser o próprio “[...] boêmio desregrado, com pulmões carcomidos, a cabeça encharcada de conhaque. E embora morresse das consequências de um tumor, teve a história corrigida pela fantasia e sempre será vítima do mal do seu tempo, a tuberculose” (CHIARA, 2001, p.10). O mesmo acontece com Caio Fernando Abreu nos últimos retratos vistos nas capas de seus livros. “Caio, um personagem de seus contos, um jovem perdido (*lost generation*) nas ruas da cidade” (CHIARA, 2001, p.11). A autora faz a ligação entre a imagem do retrato e a imagem produzida na literatura do escritor, com trecho de *Pequenas Epifanias*: “Aura escura, cinza, marrom, cheia de fuligem, de pressa, miséria, desamor e solidão. Principalmente solidão, calamidade pública” (ABREU apud CHIARA, 2001, p.11).

Por fim, os retratos em preto e branco de Chimal também flagram sua imagem de autor como extensão de seu universo literário. Por mais que os trajes negros não façam tanto alarde como na bricolagem do *blog* (Figura 2), em que o escritor é pintado como o próprio Bela Lugosi, seus dois retratos de divulgação impõem a imagem do autor sobre a pessoa do escritor. Definitivamente não era o olhar vidrado e com olheiras (Figura 3) que me espreitava durante a entrevista. Também não fazia parte do contexto em que estávamos um cenário tão fantástico quanto as muradas do castelo de que parece guardião,

empunhando a bengala como um cetro (Figura 4). O desempenho da personagem, então, revelou-se como uma das facetas do mito. Chimal apresentava-se, tanto em seu projeto literário quanto na sua *performance* pública, como um escritor soturno e misterioso, confinado em um país que prefere ler sobre temáticas nacionais como o narcotráfico. De resto, todo o espaço biográfico que circunda o autor não fazia senão reforçar a mesma fala.

Três anos depois, ao relançar o projeto a partir de um único formato¹³, os perfis literários, procedi de forma sistemática a uma operação pastichizante do gênero tradicional. Este, comprometido em retratar personagens da vida real, que passam por situações verídicas, tem uma série de critérios que leva em consideração. Suas limitações devem ater-se aos fatos da vida real e é proibida a utilização da ficção como ferramenta de criação. O ofício de retratar um personagem nos moldes do perfil jornalístico tem diversas regras, das quais a mais significativa pode ser vista no manual de Vilas Boas (2003):

Mais, o perfilado não é exatamente um modelo em pose. Sua imagem não pode ser pretendida, portanto, e talvez nem se consiga que ela seja plenamente natural ou espontânea. Primeiro, o repórter não pode (não deve, melhor dizendo) direcionar as palavras, os gestos e cenários para preencher o *frame*. Segundo, espontaneidade e artificialidade são oportunismos. Há casos em que a pessoa representa um papel, baseada em suas próprias projeções. Veste-se, maquia-se, monta o cenário para 'receber o jornalista'; despe-se de sua gravidade, por exemplo, com o objetivo de demonstrar uma descontração genuína. (VILAS BOAS, 2003, p. 19).

De forma contrária, a pose repelida pelo perfilador jornalístico será utilizada como material fundamental na construção dos perfis literários. Em lugar de ser descoberta ou desmistificada, como pretende a versão jornalística, a pose oferece indícios para a reconstrução da imagem mitológica do escritor, sendo esta sua principal intenção. A partir daí, o direcionamento das palavras, dos gestos e cenários para preencher o *frame* são empregados na tentativa de alegorizar o mito do autor.

Assim, os perfis literários criam retratos de escritores contemporâneos como personagens fictícios. Tomam homem e obra de forma inseparável e indivisível na construção de um engodo crítico para o leitor. Se por um lado é imperativo que o perfilador jornalístico “[...] esqueça a *performance* de seu personagem” (VILAS BOAS, 2003, p. 15) diante de um escritor; por outro, é elementar que o perfilador literário atente para as performatizações da figura pública do escritor. Enquanto os perfis jornalísticos se lançam na ardilosa tarefa de retratar o homem por trás da máscara¹⁴ de escritor, os perfis literários reconstituem o mito encarnado por ele. Portanto, o *modus operandi* de criação consiste em identificar os traços mais significativos da *persona* midiática e ficcional do escritor. Em relação à primeira, busco seus indícios nas entrevistas e nos depoimentos já publicados. Os materiais são promissores em vários aspectos para a construção do personagem. Em especial pelo fato de que no gênero específico da entrevista com escritores “[...] as vicissitudes da autoria se articulam, com ênfase peculiar e detalhamento, com a vida

¹³ Refiro-me à versão do site com a qual inicio este artigo.

¹⁴ “[...] eu sou um duplo, eu também tenho um ‘segundo’ rosto, além do primeiro. E talvez também um terceiro...” (NIETZSCHE, 2003, p. 28)

peçoal.” (ARFUCH, 2010, p.211). O mapeamento dessa fala de escritor é realizado com um conceito específico em mente:

O ‘momento autobiográfico’ da entrevista, como toda forma em que o autor declara a si mesmo como objeto de conhecimento, apontará então para a construção de uma imagem de si, ao mesmo tempo em que tornará explícito o trabalho ontológico da autoria, que se dá, sub-repticiamente, cada vez que alguém assume um texto com seu nome. Essa performatividade da primeira pessoa, que assume ‘em ato’ tal atribuição diante de uma ‘testemunha’, com todas as suas consequências, é uma das razões dos usos canônicos do gênero. (ARFUCH, 2010, p. 212).

A partir de então, passei a conceber a entrevista presencial com cada escritor como forma de ordenar e unificar uma espécie de “biografia editada” do entrevistado. Essa ferramenta permite entrar no terreno autobiográfico, “[...] situando a pessoa do autor numa trama de pequenos gestos cotidianos, hábitos, horários, preferências, filiações, [...] em zonas destacadas de sua infância e de sua vida [...]” (ARFUCH, 2010, p.229). Em contraste ao seu uso mais comum, as entrevistas preparadas para servir de base ao perfil literário não buscam revelações ou novidades. Em tempo, o próprio mecanismo da entrevista é questionado por Arfuch (2010) ao constatar que o ritual dialógico implica a construção recíproca dos personagens entrevistador e entrevistado. Trata-se de um jogo premeditado em que a barreira entre narração e intimidade comprova-se intransponível. Problemática, esta, totalmente favorável ao propósito dos perfis literários. Se a dificuldade de alcançar a naturalidade entre entrevistador e entrevistado vai de encontro às intenções

jornalísticas, acaba por proporcionar um rico material para os perfis literários. Isso porque o autor em cena oferece uma apresentação muito cuidada de si. Novamente nos termos de Aira (2012), oferece seu “mito pessoal” (p. 22). Basta ler e assistir a algumas das inúmeras entrevistas veiculadas para reconhecer as repetições de seu discurso. Nessa esteira, as entrevistas do *Isto não é um cachimbo* focam o contorno do mito. Haja vista que um primeiro esboço é feito de maneira prévia, durante um mapeamento das aparições públicas disponíveis na rede. O roteiro propõe um trajeto previsível ao entrevistado. Do surgimento da vocação até o momento presente. Um percurso narrativo que serve apenas para criar continuidade e unidade ao discurso já sacralizado do escritor, na medida que ratifica diversos dados e informações coletadas em pesquisas. Sob o efeito autobiográfico de Arfuch (2010), o depoimento se dá mediante uma dobra entre a pessoa do escritor e autor. O fenômeno possibilita vislumbrar a imagem do escritor trabalhador em sua trajetória de labuta diária e a do escritor artista em seus momentos de iluminação. Da mesma forma, pode estender-se para a cena de leitura, confirmando heranças e filiações. Também é um momento propício para que o entrevistado dê voz à obra, deixando assim que coloque a função autor¹⁵ em pleno movimento. Por fim, reconhecer os caminhos dessa fala já consagrada pela mídia permitirá utilizá-la de forma diferente

¹⁵ “Ora, a crítica literária moderna, mesmo quando ela não se preocupa com a autenticação (o que é a regra geral), não define o autor de outra maneira: o autor é o que permite explicar tão bem a presença de certos acontecimentos em uma obra como suas transformações, suas deformações, suas diversas modificações (e isso pela biografia do autor, a localização de sua perspectiva individual, a análise de sua situação social ou de sua posição de classe, a revelação do seu projeto fundamental).” (FOUCAULT, 2009, p. 278)

à habitual. Cada uma dessas entrevistas é gravada em áudio e posteriormente transcrita. Ato contínuo, as informações contidas no discurso do autor sobre si e sua obra são posteriormente reescritas sob a tradicional “ilusão biográfica” (BORDIEU, 1996, p.184), respeitando a cronologia e a versão dos fatos biográficos.

Uma vez construída a “narrativa biográfica” do autor, ela irá sofrer infiltrações de alguns dados ficcionais. Trata-se de elementos provenientes dos textos literários do autor. Até o ponto em que os limites entre dados biográficos e ficcionais sejam de todo apagados. No que se refere às intervenções ficcionais feitas na “narrativa biográfica”, é fundamental salientar que a substituição ou a deformação de dados biográficos por dados ficcionais é mediada através da leitura da obra de cada autor. O gesto é crítico na medida em que rasura a superfície biográfica deste, a qual figura como chave de compreensão do texto literário no entendimento da crítica moderna (FOUCAULT, 2009, p.278).

A prática de manipulação sobre a imagem do autor se impõe diante dessa fala que interfere na recepção da obra. O perfilador literário considera o autor contemporâneo bem como Klinger (2012) o descreve em seu retorno. Em *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*, a autora não mais o caracteriza como “[...] figura sacrossanta do autor, tal como ela é sustentada pelo projeto autobiográfico tradicional” (p.33). Por mais que constante, sua fala está subjugada à crítica filosófica do sujeito. De modo que a impossibilidade de exprimir verdades na escrita – traço do indivíduo moderno por excelência – é um preceito importante tanto na produção literária contemporânea, quanto na elaboração

de um perfil literário. A presença do autor no circuito literário, então, aponta para a insuficiência da *função autor* diante do sujeito midiático que se tornou. Ao interferir na recepção da própria obra com o uso da imagem e do discurso, inverte a indiferença beckettiana para dizer – Importa quem fala!¹⁶ Trata-se de uma fala que seduz e repele o fetiche biográfico do leitor. Este, novamente seduzido pela promessa biográfica de um perfil literário, também é repellido: pois que não terá acesso à identidade como unidade de escrita. Mas como jogo, enigma, paradoxo. Ao ocupar o espaço do leitor contemporâneo, o perfilador literário investe na tentativa de retratar os escritores contemporâneos de forma compatível ao paradigma que instauram. Procedimento que nada mais é do que forjadura da “obra viva” (SÁ, 2007). Armadilha para o leitor “tel(espectador)” (SÁ, 2007) condicionado a imaginar a obra através do autor midiático. Por fim, os perfis literários surgem como uma abordagem renovada dos perfis tradicionais. Afinal, em um momento em que os autores estão de volta à cena, não é mais possível retratá-los como se continuassem mortos (BARTHES, 2004).

Referências

- AIRA, César. *Nouvelles impressions du Petit Maroc*. Trad. Joca Wolff. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2011. 66 p.
- ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010. 370p.
- BARTHES, Roland. A morte do autor. In: *O rumor da língua*. Trad. Mario Laranjeira. 2.ed. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 2004. 57-64 p.

¹⁶ “‘Que importa quem fala, alguém disse que importa quem falar.’ Nessa indiferença, acredito que é preciso reconhecer um dos princípios éticos fundamentais da escrita contemporânea.”(FOUCAULT, 2009, p. 268).

_____. *Mitologias*. Trad. Rita Buongiorno e Pedro de Souza. 2. ed. São Paulo: Difel, 1975.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 253p.

_____. O narrador. In: *Magia e técnica, arte e política: Ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p.197-221. (v. I).

BORGES, Afonso. Feiras existem para estimular mercado não para promover leitura, diz gestor. Rio de Janeiro, *O Globo*, 11 abr. 2015. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/livros/feiras-existem-para-estimular-mercado-nao-para-promover-leitura-diz-gestor-15839040#ixzz3kahqwo1X>>. Acesso em: 06 mar. 2017.

BRUCK, Mozahir Salomão. A ilusão biográfica. In: *Biografia e literatura: entre a ilusão biográfica e a crença na reposição do real*. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2009. 224 p.

CHIARA, Ana Cristina de Rezende. Afinidades eletivas. *Ipotesi* – Revista de Estudos Literários, v. 5, n. 1, jan.-jun., 2001.

COZER, Raquel. Pra frente, Brasil: Interesse estrangeiro e boa safra levam editoras a ampliarem catálogo de ficcionistas nacionais. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 14 fev. 2013. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/93642-pra-frente-brasil.shtml>. Acesso em: 06 mar. 2017.

FILGUEIRAS, Mariana. A explosão de eventos literários no Brasil: em 2015, serão mais de 300. *Jornal O Globo*. Rio de Janeiro, 30 jan. 2015. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/livros/a-explosao-de-eventos-literarios-no-brasil-em-2015-serao-mais-de-300-15192839>>. Acesso em: 02 set. 2015.

_____. O que é um autor? In: *Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Trad. Inês Autran Douardo Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. 431 p. (Coleção Ditos & Escritos, 3).

KLINGER, Diana. Escritas de si, escritas do outro: O retorno do autor e a virada etnográfica. 2. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. 404 p.

_____. A imagem do autor na mídia. In: *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MORICONI, Ítalo. Circuitos contemporâneos do literário (Indicações de pesquisa). Revista

Gragoatá, Niterói, n. 20, p.147-163, 1º sem. 2006. Disponível em: <<http://www.gragoata.uff.br/index.php/gragoata>>. Acesso em: 16 nov. 2015.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo: de como a gente se torna o que é*. Trad. Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2013.172p.

PAULO, Paniagu. *Um retrato interior: o gênero perfil nas revistas The New Yorker e Realidade*. 2008. 452f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília. 2008.

RESENDE, Beatriz; ETORE, Finazzi. (Org.). *Possibilidades da nova escrita literária no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 2014. 143 p.

SÁ, Sérgio Araújo de. *A reinvenção do escritor: Literatura e Mass Media*. 2007. 284f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECAP-798HLN/tese_final_serjio_sa.pdf?sequence=1>. Acesso em: 08 set. 2015.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. 286p.

VARGAS, Suzana. O que se festeja nas festas literárias? Rio de Janeiro, *O Globo*, 04 abr. 2015. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/livros/o-que-se-festeja-nas-festas-literarias-15766932>>. Acesso em: 02 set. 2015.

VILAS BOAS, Sérgio. *Perfis: e como escrevê-los*. São Paulo: Summus, 2003.

Páginas consultadas na internet

<<http://abibliotecaderaquel.blogfolha.uol.com.br/2012/03/28/o-brasileiro-esta-lendo-menos/>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

<<http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2012/03/1068479-pais-tem-menos-leitores-do-que-em-2007-diz-pesquisa.shtml>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

<<http://www.blogdacompanhia.com.br>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

<<http://www.book-fair.com/en/guestofhonour/review/>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

<<http://www.fliaraxa.com.br>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

<<http://www.salondulivreparis.com/Bresil-2015.htm>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

<www.sempreumpapo.com.br>. Acesso em: 10 jul. 2017.

<<https://wordpress.com/stats/insights/cachimbo-debolso.wordpress.com>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

Recebido: 9 de maio de 2017.

Aceite: 15 de novembro de 2017.